



FAZER-COM CADEIRAS:

INVESTIGAÇÕES PRÁTICAS DE UMA COREOGRAFIA DE PESQUISA

Laís Julie Brasil Breyton¹

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra)²

Resumo

O presente trabalho apresenta reflexões sobre o papel da prática no percurso de uma pesquisa em Dança, evidenciando o fazer artístico como eixo de produção de conhecimento. A partir das contribuições teóricas e metodológicas da professora e pesquisadora Silvia Geraldi (2019; 2024), discute-se a Prática como Pesquisa (PaR) como campo que reconhece o saber corporificado como forma legítima de investigação acadêmica. Este resumo expandido, assim, é tecido a partir de uma pesquisa de Iniciação Científica acerca da relação coreográfica entre o corpo e o objeto cadeira no espaço escolar.

Palavras-Chave: Cadeiras, Prática como Pesquisa, Processos de criação.

¹Artista da dança (DRT 0057954/SP). Formada como Técnica em Dança pela Escola Técnica Estadual de Artes (2021). Atualmente cursa Bacharelado e Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi contemplada com o edital de mobilidade acadêmica para a London Contemporary Dance School -The Place (Inglaterra) durante o segundo semestre de 2024. Atualmente, realiza pesquisa de Iniciação Científica sob orientação da Prof^ª Dr^ª Ana Terra e financiamento da FAPESP. (lais.breyton@gmail.com)

²Professora-doutora do Instituto de Artes (IA)/Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado (2016) no Programa de Pós-Graduação da ECA/USP, sob supervisão da Profa. Dra. Maria Lúcia de Souza Barros Pupo com a pesquisa Processos de criação e pedagogia da dança: configurações de um ideário relacional. Doutora em Educação (2010) e Mestre em Artes (1997) pela UNICAMP. Graduada em Ciências Sociais pela USP. Tem experiência nas áreas da Educação e de Artes, com ênfase em Dança, principalmente nos seguintes temas: abordagens somáticas, processos de criação e pedagogia da dança. (anaterre@unicamp.br)



Praticá(veis)

Praticar uma pesquisa envolve investigar modos de ação que compõem um conjunto de questionamentos a serem movidos no e com o corpo em movimento. A prática, no espectro das pesquisas em Artes, assume um eixo metodológico que emerge do corpo e de práticas corporificadas; investigando perguntas que se produzem pela ação e pelo fazer artístico. Pensar a prática como pesquisa a partir dos modos de ação significa também legitimar os saberes corporificados como formas de conhecimento tão relevantes quanto aqueles tradicionalmente valorizados no meio científico-acadêmico.

Para a pesquisadora Silvia Geraldi³ (*in memoriam*), praticar uma pesquisa é, sobretudo, produzir e habitar problemas; assumindo a pesquisa como um processo marcado pela instabilidade, pela incerteza, pela incompletude e pelas ausências. Pesquisar pela prática, envolve permanecer com o problema, permitindo que ele nos transforme enquanto nos movemos com e através dele (Geraldi, 2024). Esta formulação deriva de sua intensa trajetória artística e acadêmica que colocam o corpo no centro da produção de conhecimento.

Silvia Geraldi é uma das principais referências para pensar a Prática como Pesquisa no contexto brasileiro. Silvia liderou, em parceria com suas colegas Marisa Lambert e Ana Terra, o grupo de pesquisa “Prática como pesquisa: processos de produção da cena contemporânea⁴” núcleo permanente de investigação vinculado ao programa de pós-graduação em Artes da Cena do IA, esse grupo se configurou como um espaço específico de produção de conhecimento, no qual a experiência do corpo e a prática artística tornaram-se os principais dispositivos de investigação e reflexão sobre a cena contemporânea, seus processos, produtos e contextos, a partir de uma perspectiva crítica e situada (Costas & Lambert, 2025).

³Silvia Geraldi foi professora livre-docente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena e no curso de bacharelado e licenciatura em Dança na Unicamp; reunia em sua prática temas como técnicas e poéticas da dança, políticas da corporeidade, estudos somáticos, dramaturgia e estudos feministas.

⁴Para maiores informações, acessar: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/187538>



Nesta edição do Seminário Mario Santana, Silvia foi especialmente homenageada pela sua enorme relevância artística e pedagógica na Unicamp e, em especial, no programa de pós-graduação onde atuou como coordenadora entre junho de 2017 e abril de 2021, período em que se dedicou intensamente à consolidação e ao fortalecimento acadêmico do programa. Seu trabalho sempre cuidadoso, criterioso e comprometido contribuiu efetivamente no reconhecimento que elevou o programa ao patamar de excelência, com a nota 6, alcançada em 2021.

Sua intensa dedicação ao campo da prática atravessou as escolhas metodológicas ao longo do presente processo de Iniciação Científica. Assim este resumo expandido tem como objetivo traçar algumas reflexões sobre como a prática no percurso da pesquisa⁵, evidenciando o fazer artístico como eixo de produção de conhecimento.

Praticar um problema

No recente artigo de Silvia Geraldi, “Fazer-com a Prática como Pesquisa: tecendo experiências coletivas de produção de saberes nas artes da cena” (2024), a autora teceu algumas considerações sobre o percurso de seu grupo de pesquisa e das recentes noções de Prática como pesquisa no Brasil.

A autora introduz o texto apresentando a noção de Simpoiese a partir de Donna Haraway (2023) para designar sistemas evolutivos produzidos coletivamente, significa *fazer-com*, em companhia. Trata-se de entender a importância com que estamos vinculadas, de que forma nos emaranhados e como tecemos caminhos e consequências, mas não determinismos. Aprendendo a trabalhar em colaborações simpoiéticas, fazendo-com e pensando-com, tramando fios a partir de saberes e não saberes (in)comuns.

⁵Esta pesquisa, intitulada “A coreografia do espaço escolar: mover o pensamento sentado” orientada pela Prof^a Dr^a Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra), foi desenvolvida inicialmente no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/Unicamp), entre 2023 e 2024. Atualmente, se desdobra em um segundo projeto, intitulado “Experiências móveis no espaço escolar: um estudo coreográfico nos antigos pavilhões do Carandiru” sob mesma orientação e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



Ao longo do meu percurso de pesquisa, interessada na relação entre o corpo e o objeto cadeira, a pesquisa teve como objetivo investigar o conceito expandido de coreografia no espaço escolar, coletando possíveis *experiências móveis* na relação com o objeto cadeira. Sentar e permanecer sentado agenciam estruturas cinéticas de corpos e gestos no espaço escolar delimitando uma espécie de coreografia. Seria, no entanto, o sentar um modo único de relação do corpo com o objeto? Na relação coreográfica de ajustes, confortos e desconfortos com a cadeira, quais outros modos de relação é possível estabelecer com o objeto?

Neste sentido, *fazer-com* envolve ficar com o problema e a tomá-lo o problema como companhia. Cada vez mais, o grupo tem compreendido a prática da pesquisa como parte de um processo de aprendizagem, onde, independente da diferença de experiências entre as pessoas, o que se partilha é tanto um desejo de saber quanto a experiência de não saber frente a um âmbito comum de conhecimento.

Uma coreografia de pesquisa

Ao longo do percurso da pesquisa, foram realizados laboratórios artísticos que investigavam os conceitos estudados no e com o corpo, com objetivo de elaborar outras formas de problematização e comunicação para além da escrita e do corpo sentado. Nos laboratórios foi possível experimentar diferentes usos de composições coreográficas no espaço utilizando cadeiras em círculos, em fileiras ou dispostas aleatoriamente como ativadoras de diferentes estados de presença em ações como ler, escrever e refletir sobre o tema. Junto a isso, explorei os diferentes usos da cadeira e as séries de ajustes posturais de desconfortos com a posição sentada. Algumas orientações foram feitas nos laboratórios e pudemos experimentar outros modos de discutir a pesquisa, através das perguntas no corpo e nas composições com o objeto no espaço.

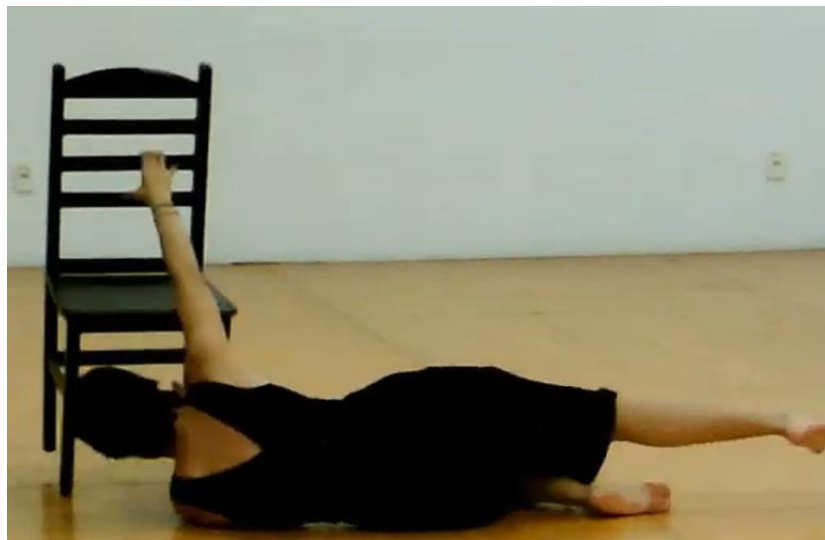


Figura 1 e 2 – Registros de laboratórios artísticos de pesquisa (Fonte: Acervo pessoal)⁶

Foi elaborado também um site de divulgação artística da pesquisa, onde é possível visualizar algumas imagens, citações, áudios e laboratórios práticos. Sugiro fortemente a apreciação: <https://sites.google.com/dac.unicamp.br/umacoreografiadepesquisa/page>

Mover a pesquisa pela prática, portanto, amplia um campo de investigação que intersecciona o conhecimento corporificado as discussões teóricas; não se referindo apenas a uma distinção entre mente e corpo, entre teórico e prático, mas habitando uma relacionalidade que o fazer artístico e investigativo se engendram em singularidade.

⁶Estes registros foram realizados em um laboratório artístico de pesquisa, você pode assisti-lo completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE3tcjx8NnY>



Nesta pesquisa, os procedimentos metodológicos se orientaram pela fricção três eixos metodológicos: [1] a experiência do processo artístico no corpo, por meio dos laboratórios artísticos com o objeto cadeira; [2], a reflexão crítica resultante da aproximação empírica, a partir da visita técnica⁷ à exposição *PEDAGOGIA* (2024) do performer Paulo Nazareth ; [3], o conhecimento teórico conceitual que dialoga com a experiência prática.

Destaco também, minha participação nos encontros do grupo de pesquisa “Prática como pesquisa: processos de produção da cena contemporânea”, sob supervisão da Prof^a Dr^a Ana Maria Rodriguez Costas desde o primeiro semestre de 2024, onde teve profunda importância para atualizar os procedimentos metodológicos junto ao processo prático de algumas pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC/Unicamp), ampliando meus horizontes metodológicos sobre modos de se pesquisar em artes, principalmente, pelo fazer.

Seguir pela prática

A relação entre corpo e a cadeira, observada ao longo dos laboratórios, revelou-se mais complexa do que uma relação ergonômica. Ao experimentar outros modos de relação com as cadeiras pelo espaço, tornou-se evidente que a materialidade do objeto tensiona o hábito escolar de estar e permanecer sentado como única forma legítima de aprendizado. A cadeira, quando retirada de seu lugar prescrito, um objeto para sentar, torna-se um dispositivo que investiga outros modos de relação no corpo, criando, assim, a criar *experiências móveis*⁸. Esses estados produzem uma expandida relação coreográfica, em que o corpo reconhece a estrutura cinética-coreográfica de movimento estático, mas que amplia um fazer de pesquisa que convoca a prática pelo gesto que move

⁷Durante a realização da pesquisa em 2024, foi possível realizar uma visita técnica à exposição *PEDAGOGIA* na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa ação contou com o apoio do FAEPEX/Unicamp e da coordenação do curso de graduação em Dança da Unicamp.

⁸Este termo foi desenvolvido ao longo do processo de pesquisa no capítulo de livro “Experiência móveis no espaço escolar” publicado junto ao GPPAC/ECA/USP em 2024. Acesse em: <https://doi.org/10.11606/9788572052955>.



um objeto, e então que move o objeto pelo espaço. A cadeira passa, assim, a ser um agente compositivo que aciona problemas a serem investigados sempre no e com o corpo em movimento.

Assumir, portanto, uma metodologia de pesquisa que se faz no processo da prática envolve reconhecer a importância do processo das pesquisas em Artes que se tecem pelo fazer, especialmente, pela tessitura do corpo em movimento. Para Geraldi (2019), as pesquisas pela prática apresentam também um projeto político uma vez que

[...] desafiam paradigmas dominantes sobre o conhecimento, colocando o *soma* no centro do saber, em contraposição a uma cultura racionalista e científica, que privilegia e valida o conhecimento verbal (a linguagem) dentro da universidade no Ocidente (p. 146).

Finalizo, assim, sublinhando a profunda importância da professora e pesquisadora Silvia Geraldi para as reflexões acerca da prática artística como produção de saber. Seu trabalho, sempre criterioso, consolidou fundamentos teóricos, metodológicos e políticos que hoje sustentam os modos de pesquisa em Artes da Cena dentro da universidade. Sua contribuição permanece em movimento nos percursos daqueles que se aventuram a mergulhar pela prática!

Viva Silvia Geraldi!

Referências

COSTAS, Ana & LAMBERT, Marisa. A trajetória transformadora de Silvia Geraldi. Campinas: *Jornal da Unicamp*, 2025.

GERALDI, Silvia. A prática da pesquisa e a pesquisa na prática. IN: PIZARRO, Diego *Práticas Somáticas em Dança: Body-mind Centering em criação, pesquisa e performance*. Editora IFB. Brasília. 2019.

GERALDI, Silvia. Fazer-com a Prática como Pesquisa: tecendo experiências coletivas de produção de saberes nas artes da cena. *Revistas Áspas*. PPGAC/USP. São Paulo. 2024.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentescos no Chthuluceno*. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.